

SOBRE LITERATURA E EXÍLIO OU UMA VISITA A UM POETA DESTERRADO

*Mayra Moreyra Carvalho**

RESUMO: O artigo propõe uma reflexão sobre o par literatura e exílio a partir da leitura do texto “Literatura e desterro”, escrito por José Lins do Rego em 1943 para o periódico *A Manhã*. O diálogo polêmico que o escritor paraibano promove com o espanhol Guillermo de Torre e seu “Emigración intelectual, drama del presente”, de 1940, permite voltar à observação das “antinomias do exílio”, como alerta Said (2003), e aos modos de considerar criticamente a produção literária de exilados.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária; Exílio; Literatura; Representação.

Uma sociedade quando desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso, quando uma sociedade desaba, leva consigo os sujeitos que ela mesma criou para reproduzir sentimentos e sofrimentos.

Vladimir Safatle

Sobre literatura e exílio

No mais recente romance de Milton Hatoum, *A noite da espera* (2017), primeiro da trilogia *O lugar mais sombrio*, o personagem Martim, com cujas cartas e diários a trama se constrói, é um brasileiro vivendo em Paris em 1978. Antes de que a história conduza o

* Doutoranda em Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (Usp). Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB).

leitor aos tempos do jovem Martim na turbulenta Brasília da ditadura na década anterior, há um encontro entre ele e Damiano, também brasileiro, exilado na capital francesa. É desta cena que brota a reflexão do protagonista acerca da condição do amigo:

Um expatriado pode esquecer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso do exílio é, às vezes, um caminho sem volta. (HATOUM, 2017, p. 14-15).

Leia-se no pensamento de Martim também um olhar sobre o seu próprio destino; e escute-se, na hábil pena do discurso indireto livre, a voz de Hatoum.

A volta do exílio de que fala a passagem pode se referir ao retorno de um exilado ao seu país natal, acontecimento pelo qual ele anseia e deseja que não abandone seu horizonte de possibilidade. No entanto, não seria equivocada ler o excerto de forma menos literal. O “caminho tortuoso e penoso do exílio” seria “um caminho sem volta” na medida em que se trata de uma experiência que define a vida do sujeito a quem foi imposto, convertendo-se em uma cicatriz a que, se ele sobrevive, não supera.

Lida nesse sentido, a reflexão de Martim é propícia para que voltemos a uma relação tantas vezes tratada pela crítica literária. Refiro-me ao par literatura e exílio. Sendo este último um traço da história humana que o século XX acentuou sem precedentes, incontáveis foram os escritores e poetas obrigados ao êxodo em razão de guerras, violência de Estado, ditaduras e perseguições políticas. Daí que a crítica tenha se voltado para a literatura produzida por artistas que se viram nessas condições.

No entanto, penso que ainda é preciso falar de literatura e exílio, justamente porque a extensa nômima de grandes escritores exilados e de obras-primas escritas no exílio parecem, por vezes, anuviado o julgamento e fazer esquecer que se trata de pessoas e de suas experiências de vida, portanto, de concretudes que não cabem na redução de um objeto de estudo. O perigo de uma aproximação que se mostra tão profícua é o de fazer parecer que

a qualidade estética de uma obra literária está ligada ao exílio, ou que, apesar desta condição, é possível escrever um bom livro.

Creio que cabe aqui a paráfrase de uma colocação precisa, que pode lançar luz ao problema. Em seu estudo sobre a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial, Murilo Marcondes de Moura parte da premissa de que “A guerra moderna não é propriamente um tema literário, é antes uma circunstância em que os poetas foram constrangidos a atuar” (MOURA, 2016, p. 10). Ora, tampouco o exílio é um tema como o seriam o amor, a morte ou a viagem. É certo que se pode falar do exílio do poeta na sociedade burguesa do século XIX ao pensar em Charles Baudelaire, por exemplo. Mas me refiro ao exílio como processo histórico decorrente de eventos igualmente históricos que tiveram data e lugar durante o século XX e que empurrou um enorme contingente de pessoas, contra a sua vontade, a viverem em outros sítios. Desde esta perspectiva, o exílio não pode ser tomado propriamente como um tema literário. E, portanto, prefiro pensar que não há algo como uma “literatura do exílio”, e sim uma literatura que está *no* exílio, e, a partir daí, indagar-me sobre o que acontece formal, estilística e discursivamente com uma literatura que enfrenta essas circunstâncias.

Acerca desta posição, lembro dois textos em que se discute a relação entre literatura e exílio. Em *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*, Paloma Vidal pondera que

Uma interpretação das narrativas do exílio não deve perder de vista o exílio como acontecimento histórico concreto. Isso não significa que elas sejam meras representações desse acontecimento; a linguagem não é apenas um meio de representação da história, de referir-se mimeticamente a ela, de deixar gravado na memória literária o retrato de um tempo e de um espaço. (2004, p. 62)

A autora continua a reflexão sobre a linguagem apoiada na leitura de Julia Kristeva, o que a permite aproximar o exílio das noções de dissidência do intelectual com relação ao discurso hegemônico e do ser humano como um estrangeiro, inclusive para si mesmo.

O contraponto para sua discussão aparece com o outro texto a que quero fazer referência: o célebre ensaio de Edward Said, “Reflexões sobre o exílio”, que repõe, nas

palavras de Vidal, “a negatividade da experiência do exílio”, expondo o paradoxo em que se assenta a questão, o fato de que “A literatura concede dignidade a uma condição que foi criada para negá-la” (2004, p. 66)

Acredito que é preciso insistir justamente neste nó do problema que o texto de Said ataca. Embora muito citadas, há passagens a que sempre é preciso voltar e reler, sob pena de se esquecer dos perigos para os quais elas alertam.

Nas primeiras linhas do ensaio, Said é categórico ao afirmar que o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”. Note-se a veemência das escolhas – “fratura incurável”, “tristeza essencial”, “jamais pode ser superada” – que conferem ao texto um teor combativo, inflamando-o, quiçá para que as chispas acendam a cada leitura a consciência do leitor. Na sequência, relativiza os “episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado” asseverando que devem ser vistos como “esforços para superar a dor mutiladora da separação”. E termina o parágrafo de abertura com a mesma contundência: “As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre” (2003, p. 46).

O pensador evidencia o risco das concessões ao se tratar do exílio produzido no século XX, da ideia de que algo de bom poderia advir dessa experiência. É, com efeito, o que deixa claro na passagem que vale ser transcrita. Rara conjunção de uma escrita límpida, lúcida e incisiva:

[...] o exílio não pode ser posto a serviço do humanismo. Na escala do século XX, o exílio não é compreensível nem do ponto de vista estético, nem do ponto de vista humanista: na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão; mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como “bom para nós”. Não é verdade que as visões do exílio na literatura e na religião obscurecem o que é realmente horrível? Que o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, que é produzido por seres humanos para outros seres humanos e que, tal como

a morte, mas sem sua última misericórdia, arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia? (SAID, 2003, p. 47)

As expressões “insuportavelmente histórico” e “produzido por seres humanos para outros seres humanos” precisam ecoar sempre e toda vez que nos aproximemos de uma obra escrita por alguém privado da escolha de permanecer ou de partir de seu lugar. Um exilado não é um nômade, não é um estrangeiro, não é só um desterritorializado. Não é possível considerá-lo como parte de “movimentos” “fundamentais para a desestabilização das certezas”; como uma “presença” estrangeira “em sistemas sociais fechados que obrigou o ajustamento dos parâmetros”; como “viajantes com muitas histórias para contar” (JAS-INSKI, 2012, p. 47).

E há uma ocasião em que a impropriedade de um tratamento descuidado sobre a relação entre literatura e exílio se manifesta com clareza. Trata-se da visita a um escritor exilado. Isso porque tal encontro faz “ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par” (2003, p. 47), adverte Said ao lembrar dos momentos passados com Faiz Ahamad Faiz, poeta paquistanês exilado em Beirute.

Valendo-me do potencial reflexivo deste tipo de encontro, proponho a leitura de “Literatura e desterro”, escrito por José Lins do Rego (1901-1957) em 1943 para o periódico *A Manhã*. Ali o paraibano discute os impasses da relação assinalada no título estabelecendo um diálogo com o ensaio “La emigración intelectual, drama del presente”, de Guillermo de Torre (1900-1971), e um de seus argumentos advém justamente de uma visita ao poeta espanhol Rafael Alberti (1902-1999), então exilado na Argentina em virtude da derrota republicana ao final da Guerra Civil Espanhola.

A polêmica levantada no texto de José Lins aponta para a necessidade de se ajustar os parâmetros no momento de considerar um problema que se instala no entrecruzamento de âmbitos tão complexos como o são a história, a literatura e a vida de um sujeito. Acredito que a leitura dessas linhas compostas em 1943, no calor daquelas situações então ali brotantes, quando suas conseqüências estéticas eram apenas presentidas, pode reconduzir ao

mar de estudos que hoje se realizam o que poderia ser óbvio, mas que fica obliterado pelo peso das teorias, dos títulos acadêmicos e da produção em série¹.

Circunstâncias de “Literatura e desterro”

O texto de José Lins do Rego, publicado em 19 de novembro de 1943, surge de um contexto específico: a viagem empreendida por ele em outubro daquele ano como parte da comitiva que integrava a missão cultural à Argentina e ao Uruguai promovida pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

É preciso lembrar que se estava então sob a primeira presidência de Getúlio Vargas (1930-1945), no curso do Estado Novo, período durante o qual houve uma política brasileira de aproximação dos países do Cone Sul nos campos cultural, econômico e turístico. A título de exemplo de algumas ações, pode-se citar a fundação em Buenos Aires e no Rio de Janeiro do Instituto Argentino-Brasileño de Cultura em 1934; a criação de um prêmio para estudos que abordassem questões sobre o Brasil pela Comisión de Instrucción Pública del Congreso Argentino; a viagem de Vargas a Buenos Aires em 1935; a instituição do Serviço de Cooperação Cultural pelo Itamaraty em 1937 para divulgar a cultura brasileira no exterior; e a assinatura de tratados de comércio para importação e exportação de produtos no início dos anos 40 (SORÁ, 2002, p. 200-202).

Como detalha a reportagem do *Diário Carioca* de 10 de novembro de 1943, a “turnê” de José Lins do Rego por Argentina e Uruguai, acompanhado do professor e filólogo Nelson Romero (1890-1963) e do médico Valter Osvaldo Cruz (1910-1967), visava a “aproximação com as Repúblicas irmãs através (d)o conhecimento e (d)o intercâmbio de suas elites intelectuais” (1943, p. 2). A viagem compreendeu conferências e visitas a institutos educacionais em Buenos Aires, Rosario e Bahía Blanca, entre eles o Colegio Libre de Estudios

¹ Lembro aqui a justa ironia de Jeanne Marie Gagnebin ao defender uma prática de “comunicação franca, aberta, viva e de comunidade amigável e de um saber compartilhado por todos [...]”. Um belo ideal, que deveríamos lembrar justamente como antídoto, como *pharmakon*, talvez, contra a administração contábil da vida acadêmica que nos rege”. (2014, p. 22)

Superiores (CLES)², onde José Lins falou sobre literatura brasileira. Essas palestras resultaram no livro *Conferências no Prata*, publicado em 1946. Na ocasião do banquete oferecido no CLES de Buenos Aires, José Lins fez um discurso “concitando todos os escritores argentinos, todos os artistas e homens de ciência para um compromisso que considerava sagrado: a luta pela liberdade de pensamento no mundo inteiro” (1943, p. 2). Para além de uma postura do próprio escritor, deve-se reconhecer nas entrelinhas de sua fala uma intervenção num momento tenso entre Brasil e Argentina devido à posição divergente de cada país no conflito que estava em curso, a Segunda Guerra Mundial.

Naquele momento, o Ministério das Relações Exteriores, que organizara a missão cultural, era presidido por Osvaldo Euclides de Sousa Aranha (1894-1960). Tanto o ministro como o embaixador brasileiro na Argentina, José de Paula Rodrigues Alves (1883-1944), estavam empenhados em amainar as tensões que emergiram entre os dois países após o Brasil ter declarado guerra à Alemanha em 1942 e a Argentina ter permanecido neutra. Este contexto é importante para situar as reiteradas declarações que o *Diário Carioca* reproduz nas quais Lins do Rego insiste em destacar a “consciência democrática bem elevada” que observou na Argentina e o pertencimento da opinião pública daquele país à democracia.

Outro aspecto a ser considerado em relação a “Literatura e desterro” é o meio em que foi publicado. O periódico *A Manhã* havia sido fundado em 1937 e estava ligado à Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, um órgão do Estado Novo. Entre 1941 e 1945, foi dirigido pelo poeta Cassiano Ricardo (1895-1974) e contou com colaboradores como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Afonso Arinos de Melo Franco e Alceu Amoroso Lima. É certo que, se o jornal se alinhava

² Instituição fundada em 1931 por intelectuais democratas e liberais sob as ideias da Reforma Universitária de 1918, promovida na Universidad Nacional de Córdoba. Oferecia cursos superiores livres nas áreas de economia, ciências sociais, educação e filosofia e um espaço para a discussão política dos problemas do país (CERNADAS DE BULNES, 2004, p. 605-606). Ali Guillermo de Torre, o autor com quem José Lins do Rego dialoga em “Literatura e desterro”, também foi conferencista e docente durante o ano de 1943 (ZULETA, 1989, p. 128).

aos interesses do regime³ na medida em que buscava ser didático quanto à sua conformação, explicando, por exemplo, a Constituição outorgada por Getúlio Vargas em 1937 e a orientação política do Estado, tampouco ficou a salvo de embates com o governo, quando este pretendia um controle estrito da publicação⁴. O periódico deixou de circular em junho de 1953.

Leitura de “Literatura e desterro”

Desde as primeiras linhas, “Literatura e desterro” se apresenta em relação ao pensamento do espanhol Guillermo de Torre: “Acha Guillermo de Torre que não será muito difícil para os críticos do futuro a avaliação da literatura que vão produzindo os homens de letras emigrados. Será uma literatura do desterro”.

Embora José Lins do Rego não chegue a informar a que texto do espanhol se refere, a citação de uma passagem permite identificá-lo como sendo “La emigración intelectual, drama del presente”, escrito em 1940 e publicado junto a outros ensaios no volume *La aventura y el orden*, de 1943. De fato, Torre afirma que seu texto nasceu de uma inquietude: o balanço que se faria da literatura espanhola que lhe era contemporânea considerando o fenômeno que mais pesava sobre a determinação de seu futuro, qual seja, a emigração intelectual. Entende que a decisão de deixar a Espanha era lógica diante do triunfo de um partido que vociferava a morte da intelligentsia. Nota que o problema é ainda mais agudo ao pensar que não só a intelectualidade espanhola teve de emigrar, mas toda a europeia:

³ A partir dessa contextualização, entende-se por que na mesma página da edição que publica o texto de José Lins do Rego figura o artigo não-assinado “Ajudando-nos a ganhar a guerra”, em que se lê: “Lutando ao lado das democracias, contra o nazi-fascismo sangüinário, o Brasil mobilizou todos os seus recursos, morais e materiais, pondo-os, incondicionalmente, à disposição da causa comum. Felizmente, o regime, instaurado em 10 de novembro de 1937, por uma dessas antevisões, que só ocorrem aos gênios políticos, havia já, por inspiração do presidente Getúlio Vargas, aplainado o caminho, necessário para a realização de uma união nacional completa, uma vez que cancelou todos os motivos de dissensões internas, com a extinção dos partidos políticos e agrupamentos facciosos em todo o país”.

⁴ Informações compiladas a partir do verbete “A Manhã” do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas e do artigo “A Manhã (Rio de Janeiro, 1941)”, de Bruno Brasil, para a Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, referenciados na bibliografia.

La pregunta se torna más vasta y cobra su plenitud de sentido dramático; [...] cuando observamos que el ostracismo físico y espiritual, la ruptura violenta de esos escritores con sus medios nativos es, sin duda, el fenómeno intelectual más patético del presente, más problemático y cargado de angustiosos enigmas ante el futuro. (DE TORRE, 1943, p. 315)⁵

Torre segue essa linha de pensamento, lembrando o exílio de personalidades como Freud e Thomas Mann, por exemplo. Em seguida reitera a ideia de que, se houve outros movimentos de emigração intelectual na história, nunca haviam atingido as proporções e a crueldade vistas em seu tempo.

Embora Torre seja ele mesmo um espanhol vivendo na Argentina, o que o arrolaria entre os nomes que padecem do drama que descreve, há no texto uma espécie de distanciamento seu em relação ao problema, como se ele não se incluisse completamente. De fato, a posição de Torre como exilado é “problemática” (LARRAZ, 2016, p. 65). Segundo sua própria denominação, ele é um “autoexilado” durante o período que corresponderia a sua passagem pela França e seu estabelecimento na Argentina entre 1937 e 1951 (ZULETA, 1989, p. 122). A postura liberal de Torre e sua consideração pelas políticas do governo republicano espanhol durante a década de 1930 não significaram militância como no caso de outros artistas, razão pela qual ele decidiu deixar a Espanha nos primeiros meses da Guerra Civil. Contatos com intelectuais e editores na Argentina, além da relação familiar devido a seu casamento com a artista plástica e crítica de arte Norah Borges, o trazem à América. Torre tem um papel fundamental na história da edição argentina, como diretor da Editora Losada, na qual foi responsável por um catálogo em que, entre outros, figuravam muitos exilados republicanos espanhóis. Em certo sentido, o catálogo diz da postura de Torre em relação aos seus conterrâneos e ao exílio, cujos efeitos sobre sua vida não se

⁵“A pergunta se torna mais vasta e adquire sua plenitude de sentido dramático [...]; quando observamos que o ostracismo físico e espiritual, a ruptura violenta desses escritores com seus meios nativos é, sem dúvida, o fenômeno intelectual mais patético do presente, mais problemático e carregado de angustiosos enigmas ante o futuro”.

pode minimizar⁶ muito embora em algumas ocasiões e textos tenha querido apontar os aspectos positivos do fenômeno.

É precisamente este o ponto de discordância de José Lins do Rego. Até o momento em que Torre descreve a gravidade do êxodo intelectual a que seu tempo assiste, José Lins o parafraseia e acompanha. Sua ressalva começa a se delinear quando o escritor espanhol cita alguns nomes da literatura que se fizeram grandes durante o exílio. Nas palavras de José Lins, tais menções – aí inclusas Ovídio, Dante, Chateaubriand e Saint-Beuve – serviriam a Guillermo de Torre “para se consolar”, pois afirma José Lins que esses escritores “deram mais que receberam nas terras que os acolheram”. Esse seu ponto de vista se reitera em outras duas passagens: “Nós é que lucramos com a sua vida, com o seu desterro” [dos exilados]; e, em seguida:

O que os espanhóis vão dando à Argentina e ao México é qualquer coisa de muito grande e sólido. O que nos têm dado um Carpeaux e um Paulo Ronaí me parece muito mais valioso do que o que nós lhes temos dado. Ao contrário do emigrante que vem para enriquecer, os emigrados da categoria dos Alberti, Torre, Borgamini⁷, nos enriquecem. E muito. (REGO, 1943, p. 4)

Mesmo que não se possa definir exatamente a que contribuição dos exilados José Lins se refere, sua menção a intelectuais e artistas de perfil humanista e de vasta cultura faz crer que se trata do privilegiado aporte decorrente da presença dessas pessoas na imprensa, universidades, instituições e círculos culturais e sociais em que atuaram nos países de acolhida.

Esse ponto de vista de José Lins do Rego pareceria tender à concordância com as últimas linhas do texto de Torre:

⁶ Emília de Zuleta cita a esse respeito as memórias de Torre, *Esquema de autobiografia intelectual*, da década de 1970, em que o escritor fala da Guerra Civil e da Europeia como um trauma lento de curar (1989, p. 127.)

⁷ Imagino que aqui houve um equívoco de José Lins ou da redação de *A Manhã*, pois deve ser uma referência ao escritor e editor espanhol José Bergamín (1895-1983), então exilado no México.

En cualquier caso, para la *intelligentsia* española esta obligada ausencia, sea más o menos duradera, no dejará de resultar fructuosa. La curará del localismo, que en tantos sectores angostaba el interés de sus producciones, abriéndola a distintas perspectivas y nuevos problemas, enriqueciéndola con una temática inesperada. (DE TORRE, 1943, p. 322)⁸

Na preocupação de Torre com o “localismo”, deve-se reconhecer um debate próprio da historiografia literária espanhola. Desde o final do século XIX, a denominada Geração de 98, empenhou-se em refletir sobre a posição da literatura nacional frente à literatura europeia e as questões às quais ela deveria se dedicar considerando categorias como o universalismo, o cosmopolitismo e a tradição. Nesse âmbito se inserem, por exemplo, as discussões de Miguel de Unamuno em *En torno al casticismo* (1902), do “andaluz universal” Juan Ramón Jiménez, do Federico García Lorca de *Romancero gitano* (1928) e *Poema del cante jondo* (1931), e do mesmo Guillermo de Torre como mentor do movimento Ultraísta (1919-1922), que buscava inserir a poesia espanhola no mapa das vanguardas europeias com a supressão do anedótico, do narrativo e da efusão retórica (DE TORRE, 1925, p. 58-59).

José Lins do Rego, no entanto, não toma a fala de Torre em relação a esse contexto propriamente espanhol. Cita parte da passagem no idioma original e, em seguida, reitera-a em português: “Torre quer que a Espanha se cure de seu localismo através de seus escritores que sofrem o exílio” (1943, p. 4). O recurso da repetição sublinha o aspecto que talvez mais tenha chamado a atenção do escritor brasileiro; o ponto sobre o qual ele se viu chamado a manifestar-se. E ele o faz sem demora, dizendo de forma direta: “Não acredito”.

Por um lado, na sucinta expressão de discordância, pode-se identificar um problema que diz respeito à poética do próprio José Lins do Rego, uma vez que parte importante de sua obra se centra em questões ditas “regionais”: como se sabe, a decadência do negócio

⁸ “Em qualquer caso, para a *intelligentsia* espanhola esta obrigada ausência, seja mais ou menos duradoura, não deixará de resultar frutífera. Vai curá-la do localismo, que em tantos setores estreitava o interesse de suas produções, abrindo-a a distintas perspectivas e novos problemas, enriquecendo-a com uma temática inesperada”.

da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro e de toda uma trama social erguida em torno desse ciclo econômico. Diante da crítica demonstrada por Torre em relação ao “localismo”, a colocação de José Lins do Rego representa um esforço de relativizar o determinismo que a presença de traços locais poderia conferir ao texto literário. O paraibano aponta, então, para um vínculo mais complexo entre literatura e espaço natal do que a mera localização geográfica: “Esta terra de Espanha ainda é mais carne viva nos poetas ou nos escritores que de lá partiram pela força da tirania. O exílio, [...], dá ao temperamento poético mais íntima ligação com a terra distante” (1943, p. 4).

Desde essa perspectiva, o que Torre chama de “cura do localismo”, na verdade, não ocorreria. Lins do Rego inverte a percepção do que poderia ser o tal “localismo”, desvinculando-o da carga negativa que o texto de Torre sugere, segundo o qual um escritor se apegaria a um lugar por ter uma visão estreita. Ao mesmo tempo, Lins do Rego problematiza as implicações da fala de Torre, já que por ela se pressupõe que sem a “obrigada ausência” imposta à intelligentsia espanhola sua literatura não seria curada do acanhamento nem enriquecida por temas inesperados. Dessa forma, José Lins tensiona o condicionamento entre “boa” literatura e exílio não matizado pelo texto de Guillermo de Torre.

Por outro lado, o escritor brasileiro incorpora em sua ressalva o problema da concretude do exílio como processo histórico, o qual envolve seres humanos e suas experiências de vida. O fenômeno “irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, que é produzido por seres humanos para outros seres humanos” de Said. Observe-se a formulação de José Lins para falar do “localismo”: “Esta terra de Espanha ainda é mais carne viva nos poetas ou nos escritores que de lá partiram pela força da tirania”, em que são notáveis a escolha da expressão “carne viva” e a clareza ao apontar o motivo do exílio, “a força da tirania”.

Visita ao homem que está fora da sua terra, de seu mar

Penso que essa sensibilidade crítica manifesta por José Lins do Rego para a questão da natureza da literatura escrita no exílio deve algo à visita a um poeta desterrado. O encontro com o espanhol Rafael Alberti, exilado na Argentina desde 1940⁹, dá-lhe elementos para embasar seu contraponto ao pensamento de Guillermo de Torre:

Vi na Argentina espanhóis exilados. Lá está o grande Rafael Alberti, com aquela sua cara máscula, aquela sua maneira um tanto áspera de tratar. Dele me falaram Manuel Bandeira e Carpeaux como de grande voz da poesia moderna. Sente-se naquele Alberti do apartamento de Buenos Aires, com a mulher linda, escritora de talento e a filha como um de seus poemas o homem que está fora de sua terra, do seu mar, dos seus ventos africanos.

O problema político de Guillermo de Torre está ali, bem vivo, bem exposto na sua dor. Não sei por que eu senti naquele homem belo, de aparência saudável, na paz da família, numa cidade de carne e pão, a fome da pátria, esta fome que é terrível e trágica para quem sofre da carência que só se curaria no pisar a terra que é nossa. (REGO, 1943, p. 4)

O excerto permite intuir uma rede de relações¹⁰ estabelecida entre escritores e poetas. De fato, destacados nomes da literatura brasileira do momento, como Drummond, Bandeira, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles e Graciliano Ramos, para citar alguns, eram leitores de Alberti e também lidos por ele, como corroboram exemplares hoje disponíveis da biblioteca de sua Fundação em El Puerto

⁹ O exílio de Rafael Alberti e de sua companheira, María Teresa León, insere-se no processo histórico denominado Exílio Republicano Espanhol de 1939 (AZNAR, 2002). O itinerário do casal começou na França, em março de 1939. Em fevereiro de 1940, partiram de Marselha rumo à América. Por falta de documentos, refugiaram-se temporariamente no interior da Argentina, em Villa del Totoral, província de Córdoba. Em seguida, estabeleceram-se em Buenos Aires, passando algumas temporadas no Uruguai. Em 1963, transferiram-se para Roma. Somente em 1977, após a morte de Francisco Franco, retornaram à Espanha, perfazendo um exílio de 37 anos.

¹⁰ Essa rede de relações compreende a leitura de uns pelos outros, o envio de livros, algumas correspondências e traduções. Dessas últimas, podemos citar as traduções de Drummond em 1946 para alguns romances da Guerra Civil Espanhola, de vários autores, a partir da compilação que Alberti publica na Argentina; a de Cecília Meireles para o poema albertiano “Eh, los toros” (1946); e a de Manuel Bandeira para duas composições de Alberti que o poeta recifense intitulou “Lembra-te de mim no mar” e “O touro da morte” no volume *Poemas traduzidos*, de 1945.

de Santa María. Também se nota a importância do papel de mediador do crítico literário na figura de Otto Maria Carpeaux. Fiel à sua formação humanista, o exilado Carpeaux se situava na contracorrente da especialização dos saberes, fazendo da “comparação entre obras e autores” a “força propulsora de seu pensamento”. Foi um intelectual empenhado em estabelecer vínculos “com outros espaços da América Latina”, por entender que também cabia ao crítico “a ampliação do horizonte de reflexão do leitor” (MARCO, 2013, p. 319-321).

O que sobressai na passagem, no entanto, é a descrição do estado de ânimo de Rafael Alberti. Sem entender bem o porquê de suas impressões acerca do poeta espanhol – e esse detalhe do narrador é importante da medida em que revela o desassossego e o desconcerto que o contato com o homem banido lhe provoca –, José Lins do Rego perscruta a causa da dor latente no “homem belo, de aparência saudável” e a atribui ao distanciamento forçado de “sua terra”, de “seu mar”. O aspecto que fica claro na interpretação do escritor paraibano é que não se trata simplesmente da distância daquele homem com relação a seu país natal, mas da encarnação de um “problema político”. Portanto, há aí uma sorte de aproximação entre dois âmbitos: o do pensamento e o da concretude da vida. E é nesta última dimensão que o problema expõe a sua dor, desencadeando uma percepção que repõe ao discurso objetivo um elemento que, por vezes, ele refuga. José Lins do Rego, então, não se furta de carregar nas tintas do texto: naquele homem se percebe “a fome da pátria, esta fome terrível e trágica para quem sofre da carência”. Escolhe vocábulos que incorporam à reflexão crítica uma dose de patetismo. O movimento proposital reconstitui os sentimentos despertados pela visita a Rafael Alberti – note-se que por duas vezes, José Lins elege o verbo “sentir” – ao mesmo tempo em que compõe a postura que ele defende no texto, convertendo-se em argumento lógico de sua dissensão de Guillermo de Torre. Dessa maneira, no próprio texto, José Lins do Rego faz o problema político parecer bem vivo, tal qual ele o viu em seu encontro com o poeta.

Considerações finais

Para a discussão maior anunciada no título, a relação entre “Literatura e desterro”, esse caminho construído pelo escritor paraibano tem dois efeitos. Por um lado, ele aponta para a necessidade de se considerar a circunstância vital que subjaz ao silêncio do livro impresso em cuja capa se lê o nome de um escritor exilado. Por outro, convida a refletir sobre as consequências estéticas para uma literatura produzida nessas condições, algo sobre o que ele mesmo se pergunta na abertura do texto:

Mas que características terá esta literatura? Será um grito só de revolta, uma paixão, uma saudade, ou ela exprimirá com mais força, com mais alma o instinto criador daqueles que foram arrancados de seu solo nativo? (REGO, 1943, p. 4)

Observe-se que José Lins do Rego não descarta o acometimento do texto literário pelas paixões humanas: o grito de revolta, a saudade. Mas na pergunta que soa como opinião sua aparece a interrogação sobre o que o exílio provocaria, ou como o exílio provocaria, o “instinto criador” do artista. A filiação romântica dos termos não impede que eles expressem uma questão contemporânea ao paraibano, uma vez que o questionamento implica o problema da reação estética aos eventos bárbaros que marcaram o século XX, reação que se plasma na forma da obra de arte. À sua maneira, José Lins do Rego reencontrara Guillermo de Torre. O que o espanhol chama de “cura do localismo” e surgimento de “novos temas” seria o desafio a ser enfrentado pelo artista com os meios de sua arte, no caso da literatura, estariam a linguagem, as formas da tradição, os experimentos vanguardistas frente ao deslocamento forçado a que guerras, regimes totalitários e violência de Estado lançaram os seres humanos.

Que em meio a tudo isso nasceu grande literatura já sabemos. Mas o breve “Literatura e desterro” não deixa esquecer, na figura do poeta desterrado trazido à cena, que a apreciação estética de toda essa produção precisa assumir a indissolúvel contradição de que o “antigo tópico estético do ‘sublime’ [...] não está mais no plano elevado do belo; está nos subterrâneos do horror” (MARCO, 2004, p. 57).

ON LITERATURE AND EXILE OR A VISIT TO A DISPLACED POET

ABSTRACT: The paper aims to reflect at the relation between literature and exile by reading the text “Literature and displacement”, written by José Lins do Rego in 1943 for *A Manhã*. Its polemic dialogue with Guillermo de Torre’s “Emigración intelectual, drama del presente” (1940) allows us to reexamine the “exile’s antinomies”, according to Said’s terms (2003), and the possibilities of a critical consideration of the literature produced by exiled artists.

KEYWORDS: Exile; Literature; Representation; Literary criticism.

REFERÊNCIAS

A MANHÃ. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3745/EducacaoCulturaPropaganda/AManha>>. Acesso em 20 de jan. de 2018.

AZNAR SOLER, Manuel. La historia de las literaturas del exilio republicano español de 1939: problemas teóricos y metodológicos. *Migraciones y exilios. Cuadernos de la Asociación para el estudio de los exilios y migraciones ibéricos contemporáneos*, n. 3, p. 9-22, 2002. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/161314>>. Acesso em 17 jan. 2018.

BRASIL, Bruno. *A Manhã (Rio de Janeiro, 1941)*. Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha-rio-de-janeiro-1941/>>. Acesso em 17 jan. 2018.

CERNADAS DE BULNES, Mabel N. El entramado cultural de Buenos Aires desde las páginas de *Cursos y conferencias*. In: BIAGINI, Hugo Edgardo; ROIG, Arturo Andrés. *El pensamiento alternativo en la Argentina del siglo XX*. Obrerismo, vanguardia, justicia social. 1930-1960. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 605-619.

DE TORRE, Guillermo. La emigración intelectual, drama del presente. In: _____. *La aventura y el orden*. Buenos Aires: Losada, 1943, p. 315-322.

DE TORRE, Guillermo. *Literaturas europeas de vanguardia*. Madrid: Rafael Caro Raggio, 1925.

FUI falar do Brasil e de sua literatura. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1943, p. 2.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prólogo: Escrita, morte, transmissão. In: _____. *Limiar, aura e rememoração*. Ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 13-30.

HATOUM, Milton. *A noite da espera*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

JASINSKI, Isabel. *A condição de estrangeiro. Literatura e exílio em Francisco Ayala*. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

LARRAZ, Fernando. Guillermo de Torre y el catálogo de la editorial Losada. *Kamchatka. Revista de análisis cultural*, Valencia, n. 7, Junio 2016, p. 59-71. Disponível em <<https://ojs.uv.es/index.php/kamchatka/article/view/7683>>. Acesso em 17 jan. 2018.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em <<http://ref.scielo.org/h3kzpb>>. Acesso em 20 de jan. de 2018.

MARCO, Valeria De. Carpeaux: mediador entre a literatura das “duas Espanhas” e o Brasil. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 27, n. 77, p. 319-332, 2013. Disponível em <<http://ref.scielo.org/6pzfpn>>. Acesso em 20 de jan. 2018.

MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado*. A poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Editora 34, 2016.

REGO, José Lins do. Literatura e desterro. *A Manhã*, Rio de Janeiro, edição 701, p. 4, 19 de novembro de 1943.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos*: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Autêntica, 2016.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SORÁ, Gustavo. Livros de autores brasileiros na Argentina: uma força de alteridade negada. In: MARTINS, Maria Helena. *Fronteiras culturais. Brasil-Uruguai-Argentina*. São Paulo: Ateliê editorial, 2002, p. 171-207.

VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

ZULETA, Emilia de. El autoexílio de Guillermo de Torre. *Cuadernos hispanoamericanos*, n. 473-474, Noviembre-Diciembre 1989, p. 121-134.

Recebido em: 08/05/2018.

Aprovado em: 08/06/2018.